

# IMPRENSA E LEITURA EM PAUTA NA REVISTA CATÓLICA A CRUZADA (1926-1931)

Andressa Paula<sup>1</sup>

## RESUMO

Em vista do incentivo papal quanto a criação de periódicos iniciado no século XIX e prosseguido nas primeiras décadas do século XX, diversas paróquias, dioceses e grupos leigos lançaram jornais e revistas em vários países. No Brasil o discurso dos pontífices foi reafirmado por bispos em cartas pastorais que apresentavam diretrizes, objetivos e a necessidade de participação dos leigos na propagação dessas publicações. Em consonância com esses encaminhamentos foi lançada em março de 1926 a revista mensal *A Cruzada*, editada em Curitiba pela Mocidade Católica Paranaense. Com o objetivo de analisar as publicações dessa revista quanto ao seu posicionamento sobre a utilização da imprensa e da prática da leitura pelos católicos, realizamos a coleta, leitura e tabulação das 55 edições lançadas entre 1926 a 1931. Identificamos que o grupo de leigos responsável pela editoração da revista possuía a linguagem autorizada pela instituição católica em falar/escrever enquanto representantes da Igreja, posição que era legitimada pela presença do Padre Antonio Mazzarotto na diretoria do grupo e do periódico. Com a intenção de propagar a imprensa católica e de formalizar a prática da sua leitura pelos fiéis da Igreja, *A Cruzada* se lançou na campanha pela “boa imprensa” (periódicos católicos) e em combate a “má imprensa” (periódicos anticlericais, de outras denominações religiosas e/ou neutros).

**PALAVRAS-CHAVE:** Igreja Católica; Leigos; Paraná.

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da imprensa ao longo do século XIX e início do XX com o surgimento de novas técnicas de impressão esteve ligado ao crescimento do número de publicações periódicas. A criação de títulos com propostas, formatos e discursos diversos também esteve presente nesse período no Brasil. Em vista desse cenário a Igreja Católica identificou que era seu dever orientar as escolhas de leitura dos seus fiéis.

Apesar da denuncia de circulação de más doutrinas na imprensa estarem presentes anteriormente no discurso católico<sup>2</sup>, foi a partir de Leão XIII (pontificado 1878-1903) que as caracterizações do que ficou conhecido como “má imprensa” e “boa imprensa” foram definidas. (SOARES, 1988; KLAUCK, 2009) O assunto foi apresentado em diversos documentos oficiais desse pontífice, como na encíclica *Etsi Nos*<sup>3</sup> de 1882 dirigida aos bispos italianos e que apresentava o problema da circulação da “má imprensa” no país.

Aqueles que, com um ódio mortal, discordam da Igreja, tendem a se manifestar por meio de publicações e a usá-los como as armas melhor adaptadas para infligir injúrias. Daí um dilúvio muito malvado de livros, de diários turbulentos e perversos cujos ataques maléficos nem as leis servem para refrear, nem modéstia para restringir. Qualquer que seja, nestes últimos anos, tem sido feito por sedição e multidões, que eles afirmam ter sido legalmente feito; eles dissimulam ou corrompem a verdade; perseguem a Igreja e o Sumo Pontífice com maldições diárias e falsas acusações; tampouco há opiniões tão absurdas e pestíferas que não estejam ansiosas para disseminá-las em todos os lugares. (LEÃO XIII, 1882, p. 4-5)

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá. Email: [andressapaulah@gmail.com](mailto:andressapaulah@gmail.com)

<sup>2</sup> Desde o Concílio de Trento (1545-1563) realizado em reação a reforma protestante do século XVI, a Igreja Católica passou a dedicar espaço em seus documentos ao controle sobre o que era impresso e quanto ao que os católicos liam. O desenvolvimento da imprensa no século XIX intensificou a atenção atribuída pelos papas ao tema.

<sup>3</sup> LEÃO XIII. **Encyclical Etsi Nos**. On conditions in Italy. 1882. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15021882\\_etsi-nos.pdf](https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15021882_etsi-nos.pdf) Acesso em: 01/08/2019.

Frente a essa imprensa a estratégia indicada era que os escritos anticlericais deviam ser opostos por escritos católicos. A arma utilizada contra a Igreja devia, portanto, tornar-se espaço de defesa. Quanto ao assunto, o Papa prosseguia que “[...] a mesma arte que pode destruir, possa, por sua vez, ser aplicada à salvação e benefício da humanidade, e os remédios sejam fornecidos a partir dessa fonte de onde venenos malignos são obtidos.” (LEÃO XIII, 1882, p. 5)

Em outra ocasião na encíclica *Libertas* (1888) o papa novamente acusava a liberdade de tudo imprimir e destacava que nem todas as opiniões eram válidas de serem impressas.

O direito é uma faculdade moral, e, como dissemos e como se não pode deixar de repetir, seria absurdo crer que esta faculdade cabe naturalmente, e sem distinção nem discernimento, à verdade e à mentira, ao bem e ao mal. (LEÃO XIII, 1888 *apud* KLAUCK, 2009, p. 46)

Desta forma, a liberdade de expressão seria um direito moral para a divulgação do bem e das verdades religiosas, mas não poderia ser um direito estendido para a disseminação das mentiras e dos males presentes nas concepções modernas que atacavam o catolicismo: “concedei a todos a liberdade de falar e escrever, e nada haverá que continue a ser sagrado e inviolável.” (LEÃO XIII, 1888 *apud* KLAUCK, 2009, p. 46)

Esses encaminhamentos indicados nas encíclicas papais ressoaram no Brasil na escrita de cartas pastorais dedicadas a instruir o clero e a população sobre as concepções da Igreja sobre a imprensa e o direcionamento quanto ao seu uso. Entre 1898 a 1944 foram publicadas 10 cartas pastorais de bispos dos mais diversos locais do país sobre o tema<sup>4</sup>. (SOARES, 1988)

Essas cartas pastorais que geralmente eram lançadas em apoio a um periódico local possuíam diversos pontos em comum, com a variação da forma de exposição e o destaque dado a certas questões. Dentre seus objetivos estavam apontar a utilidade da imprensa católica, as funções que deviam ser exercidas por esses jornais e revistas e indicar os parâmetros da “má” e “boa imprensa”. (CAES, 2002)

A primeira carta publicada quanto ao tema teria sido a *Em favor da imprensa católica* do bispo de Curitiba Dom José de Camargo Barros em 1898. O documento refletia o entusiasmo e os prognósticos positivos quanto a eficácia da imprensa católica no Paraná, em vista do lançamento do periódico *A Estrella* naquele ano. Almejava um futuro promissor, tal como o do jornal *La Croix*, de Paris, que de publicação pequena com limitado número de páginas, havia se tornado uma empresa consolidada com tipografia própria e um milhão de assinaturas. Além disso, o projeto atenderia a necessidade da propagação do catolicismo no país. (SOARES, 1988)

---

<sup>4</sup> Dentre as cartas pastorais publicadas estão: *Em favor da imprensa católica* (1898) Dom José de Camargo Barros, Diocese de Curitiba; *Os abusos e os males da imprensa* (1902) de Dom Eduardo Duarte Silva, Diocese de Sant’Anna de Goiás; *Sobre a imprensa* (1913) de Dom Francisco de Campos Barreto, Diocese de Pelotas; *Do nosso dever para com a imprensa* (1918) de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Diocese da Paraíba; *A imprensa católica e sua orientação* (1918) de Dom Otávio Chagas de Miranda, Diocese de Pouso Alegre; *A imprensa católica* (1921) de Dom Santino Maria da Silva Coutinho, Diocese de Belém; *Da boa imprensa* (1923) e *Sobre a imprensa* (1924) de Dom Manoel Nunes Coelho, Diocese de Luz do Aterrado; *Pio XI e a divisa do jornalista* (1939) de Dom Francisco de Aquino Correia, Diocese de Cuiabá e *Sobre a imprensa diocesana* (1944) de Dom Felipe Conduru Pacheco, Diocese de Ilhéus. (SOARES, 1988)

A imprensa. Ela vai contar até as extremidades da terra os grandes fatos da religião, leva por toda a parte os ecos das brilhantes vitórias da fé e das importantes conversões, descreve a majestade, a riqueza, a magnificência das catedrais, faz ouvir os acentos da palavra eloqüente dos ministros da Igreja, já nos púlpitos, já nos congressos científicos, já nos comícios populares, registra as prodigiosas descobertas e as belas produções literárias dos filhos da Igreja, sacerdotes ou leigos. (BARROS, 1898 *apud* SOARES, 1988)

Com a criação em 1900 do *Boletim Diocesano*, que se tornou publicação oficial da Diocese, o jornal *A Estrella* perdeu espaço no cenário editorial do estado e enfrentou problemas financeiros, que acarretaram no encerramento de suas atividades em 1905. Periódicos de pouca expressão foram criados no estado até a década de 1920, quando se iniciou as idealizações para a criação de uma revista que tivesse alinhada aos preceitos da boa imprensa e a serviço do clero paranaense.

Com o título de *A Cruzada* foi lançada em 19 de março de 1926 a primeira edição da revista mensal dirigida pelos jovens leigos da Mocidade Católica Paranaense<sup>5</sup> e com orientação do padre Antonio Mazzarotto<sup>6</sup>. Segundo Campos (2010) esse periódico:

[...] surgiu para defender os princípios e a verdade revelados pela Igreja Católica, ou seja, expressar ao público leitor uma visão de mundo vinculada à religião católica, utilizando uma forma corrente de expressão de natureza moral. (CAMPOS, 2010, p. 21-22)

Com a presença de Mazzarotto na direção, a proposta do periódico em falar em nome da Igreja Católica era legitimado perante seu público leitor. Escrita, sobretudo, por leigos a revista circulou mensalmente até fevereiro de 1931, e posteriormente com periodicidade semanal até 1934. Em seu período mensal possuía em média 28 páginas por edição, com conteúdo voltado principalmente para questões doutrinárias e de fé católica. Tópicos como a prática da leitura, a estrutura das famílias, a presença de outras denominações religiosas no estado, o comportamento e indumentária indicadas as mulheres eram tratados sempre sob a lente católica.

A análise de materiais impressos nos trazem diversas reflexões, da escolha das temáticas até ao modo como os argumentos são construídos pelos autores do periódico indicam os objetivos propostos e a demanda do contexto histórico em que foram produzidos. Buscamos nesse espaço contribuir para a construção do conhecimento sobre os usos da imprensa pela Igreja Católica no Paraná.

Em vista da variedade de temas presentes na *A Cruzada* optamos pela escolha da questão dos usos da imprensa e da leitura para nossa análise. Portanto, buscamos compreender a própria estrutura que orientou a criação da revista, ou seja, o discurso

---

<sup>5</sup> A Mocidade Católica Paranaense era formada por jovens leigos estudantes, acadêmicos e recém-formados, advindos de famílias com visibilidade no meio social do estado, configurou-se como um dos mais importantes grupos intelectuais da década de 1920. Com atuação principalmente por meio da imprensa esses jovens também participavam da Congregação Mariana da Catedral Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, associação que era dirigida pelo Padre Antonio Mazzarotto. Dentre os jovens que compunham o grupo estavam Waldemar Basgal, Alcides Pereira, Herculano Souza Junior, José Farani Mansur Guérios, Antonio Paulino Teixeira de Freitas, José Molteni, Ernani de Almeida Abreu, Elias Karam, Orlando Sprenger Lobo, Rosário Farani Mansur Guérios, Frederico Carlos Allende, Antonio Chalbaud Biscaia e Newton Costa entre outros. (PAULA, 2018)

<sup>6</sup> Antonio Mazzarotto (1890-1980) natural de Santa Felicidade/PR ingressou no Seminário Episcopal de Curitiba em 1905 e foi ordenado padre em 1914. No início de sua carreira religiosa atuou como vigário cooperador da Catedral de Curitiba, Além disso, exerceu a função de professor catedrático de latim no Ginásio Paranaense, foi membro do Grêmio Literário São Luiz e diretor da Congregação Mariana da Catedral de Curitiba entre 1925 a 1929. Foi diretor da revista *A Cruzada* entre 1927 a 1929, quando foi indicado para assumir o posto de primeiro bispo da Diocese de Ponta Grossa. (ZULIAN, 2009)

sobre uma “boa imprensa” católica caracterizada enquanto uma “boa leitura” para os leitores do início do século XX<sup>7</sup>.

Examinamos em nossa investigação as 55 edições lançadas no período de março de 1926 a fevereiro de 1931, correspondentes ao momento de periodicidade mensal da revista<sup>8</sup>. Nortearam o estudo os seguintes objetivos: analisar a revista *A Cruzada* enquanto representante da chamada “boa imprensa” no estado do Paraná e examinar como foram apresentados às questões sobre os usos da imprensa e quanto à prática da leitura nas páginas desse periódico católico.

## DESENVOLVIMENTO

Com a criação de jornais, revistas e informativos de direção de clérigos e leigos a Igreja Católica buscou nessas publicações apresentar ao seu público leitor a necessidade da existência da imprensa católica, os perigos a que estavam expostos as pessoas que tinham contato com a chamada “má imprensa” e as consequências da leitura não orientada, ao destacar livros recomendados e os que deviam ser evitados.

A partir do levantamento das principais temáticas presentes na revista, elencamos o número de referências ao assunto na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Número de referências a imprensa e a leitura na revista *A Cruzada* (1926–1931)

Período	Número de referências
Ano I – março de 1926 a fevereiro de 1927	12
Ano II – março de 1927 a fevereiro de 1928	19
Ano III – março de 1928 a fevereiro de 1929	23
Ano IV – março de 1929 a fevereiro de 1930	27
Ano V – março de 1930 a fevereiro de 1931	28
	Total: 109

Fonte: PAULA (2018, p. 98)

Na tabela acima observamos que nos cinco anos analisados da revista os números de referências a imprensa e a leitura aumentaram progressivamente. Enquanto no ano I que englobou os meses de março de 1926 a fevereiro de 1927 foram identificados 12 recorrências, no último ano de publicação mensal, entre os meses de março de 1930 a fevereiro de 1931 constatamos 28 citações ao tema.

As 109 referências que contabilizamos são constituídas por desde artigos de quatro páginas até frases de rodapé, uma vez que consideramos todas as menções ao tema inseridas na revista. Para além da estrutura e tamanho, compreendemos que a mensagem contida nas publicações possuía uma proposta em comum veiculada pelo periódico.

Portanto, esse levantamento demonstrou que não havia um único formato de escrita para tratar sobre o assunto, sendo que artigos, poemas, pequenas notas e matérias com entrevistas foram utilizadas para discorrer e apresentar os argumentos quanto a questão que analisamos. Da mesma forma não havia um local específico dentro da revista, como uma coluna assinada ou uma página fixa, dedicada a exposição do tema.

<sup>7</sup> Essa pesquisa foi realizada durante o Mestrado em História pela Universidade Estadual de Maringá e resultou na dissertação “A revista *A Cruzada* e a ‘boa imprensa’ católica no Paraná (1926-1931)” defendida em 2018.

<sup>8</sup> O acervo da revista *A Cruzada* utilizado nessa investigação foi coletado por meio fotográfico no Círculo de Estudos Bandeirantes de Curitiba/PR. As edições passaram pelo processo de leitura e tabulação dos dados apresentados.

Diversos autores tiveram textos publicados na *A Cruzada*, dentre estes alguns estavam diretamente ligados a revista e outros apenas tiveram suas produções republicadas em suas páginas. Nas 109 referências que identificamos 68 não apresentavam uma autoria e as outras 41 eram de 24 autores diferentes. A maioria desses autores teve apenas uma publicação que se enquadra na temática analisada, como demonstramos na Tabela 2.

Tabela 2 – Autores com publicações sobre imprensa e/ou leitura na *A Cruzada* (1926–1931)

Autores	Número de publicações
Sem autoria	68
A. B.	4
Nemo	4
José de Sá Nunes	4
Angelo Antonio Dallegrave	4
Dom José de Camargo Barros	3
Mestre Antão	2
X.	2
Frei Piratininga	2
W. Muniz	1
Franco	1
Dr. Felício	1
Martha de Jesus	1
Frederico Ednella	1
Luiz Veullot	1
José Farani Mansur Guérios	1
Elias Karam	1
Pascal	1
A.	1
Dom Antonio Mazzarotto	1
Pretextado Martins Pescador	1
S. d'A.	1
Rosário Farani Mansur Guérios	1
Leão XIII	1
Cônego Alcidino Pereira	1
	Total: 109

Fonte: PAULA (2018, p. 99)

A partir dos dados presentes na tabela acima observamos que a maioria das publicações que mencionam a imprensa e a leitura não são referenciadas com a autoria. Frente a isso analisamos que o interesse por apresentar aos leitores os padrões indicados a prática da leitura, não era apenas um posicionamento seguido por alguns colaboradores específicos, ou um discurso produzido anteriormente e selecionado como pertinente para compor o conteúdo da revista, como no caso das republicações. Compreendemos que quando o periódico não referencia o autor de um artigo, ele toma para si a responsabilidade do que foi publicado. Desta forma, o interesse pelo tema pode ser considerado uma disposição da própria redação da *A Cruzada*, que nas 68 ocasiões detectadas não escolheu um intermediário para discorrer sobre o assunto e assumir a autoria dos argumentos apresentados.

Apesar de seguir uma proposta que vinha de Roma, a revista *A Cruzada* estruturava a mensagem contida nas suas edições de acordo com as especificidades do cenário em que estava inserida, visto que “[...] cada discurso tem origem em um lugar e modula seus temas em função de seus destinatários e adversários.” (CHARTIER; HÉBRARD, 1995, p. 15)

A estrutura dos discursos inseridos na revista se apresentava de forma variada. Em 86 publicações os temas imprensa e/ou leitura eram o eixo central da discussão exposta, enquanto nas outras 23 eram abordados de forma secundária, ou seja, eram citados sem

muita ênfase e davam suporte para o desenvolvimento de outras questões. Ainda quanto a organização dos discursos, também detectamos três formas de exposição do assunto: o combate a “má imprensa” (18), a defesa da “boa imprensa” (68) e a distinção entre a “má imprensa” e a “boa imprensa” (23).

Os textos que se debruçavam sobre o combate a “má imprensa” expunham as consequências na sociedade do contato e da leitura de títulos anticlericais. Eram apontados principalmente, os prejuízos que causavam na formação da consciência da mocidade e consequentemente na estrutura das famílias.

Por outro lado, os artigos destinados exclusivamente a defesa da “boa imprensa” se caracterizavam pela campanha de propagação de jornais e revistas católicas. Nesses textos, solicitavam o auxílio dos leigos com o objetivo de formalizar a leitura da “boa imprensa” como uma prática dos católicos.

Por fim, havia os artigos que se estruturaram a partir da diferenciação entre a “má imprensa” e a “boa imprensa”. Geralmente essas publicações iniciavam com o apontamento dos malefícios da leitura de certos jornais e livros que continham concepções contrárias a Igreja. O primeiro texto a apresentar essa estrutura foi publicado em agosto de 1926 e intitulado de *Más Leituras* com autoria de José de Sá Nunes. O autor começava o artigo ao identificar o problema da sociedade moderna:

Não há perigo maior do que êste: a má leitura. E não há, em nossos dias, coisa mais comum do que encontrar-se um livro mau, um jornal mau, uma revista má em poder de um jovem ou de uma donzela. O demônio não poderia achar meio mais eficaz do que êsse para a perdição das almas. (NUNES, ago. 1926, p. 101)

Após identificar o problema da “má imprensa” os textos apontavam as consequências da sua leitura e os motivos para combater sua circulação.

A sociedade está cheia de gente que sofre de cropolalia: pais e mães, filhos e filhas, de tôdas as idades e condições, refocilam-se num oceano de lama e misérias morais, como nos tempos das cidades malditas que o fogo do Céu consumiu; e os corações bons, as almas puras, os caracteres nobres e os sentimentos delicados não podem achar guarida entre essa gente malévola e torpe, que só tem prazer em falar mal do próximo e deprimir a reputação alheia. (NUNES, ago. 1926, p. 101)

Perante a imprensa ímpia, a solução apresentada era a utilização do mesmo meio de comunicação, que nas mãos da Igreja se configurava como arma de defesa da religião, da família e da moralidade. Os “verdadeiros cristãos, os verdadeiros catholicos” eram chamados para atuarem como propagandistas da “boa imprensa” (NUNES, ago. 1926):

A infância e a mocidade, crianças e jovens de ambos os sexos, deverão dar-se as mãos e, unidos, num só desejo e num só impulso, deverão trabalhar em prol da boa imprensa, que é a mais poderosa arma contra a imprensa má. S. S. o papa Pio X, de gloriosa e santa memória, nunca se cansou de aconselhar que “se o mal vem da imprensa, devemos combater o mal pela imprensa”. (NUNES, ago. 1926, p. 102)

Em vista das concepções romanizadoras do período, tais como a centralização da Igreja em Roma e o respeito a hierarquia eclesiástica, os escritos buscavam embasar a proposta de utilização de periódicos na cristianização da sociedade, em documentos papais e dos bispos, que recorrentemente eram citados nos artigos para legitimar a circulação da revista.

Os artigos presentes na *A Cruzada*, portanto, seguiam uma estrutura semelhante a presente nos documentos oficiais da Igreja, como nas encíclicas e cartas pastorais que

analisamos anteriormente, visto que identificavam o problema e apresentavam uma proposta para a sua solução. A partir disso, vários argumentos foram construídos para o combate da “má imprensa” e a campanha pela “boa imprensa” nas páginas dessa revista paranaense.

O discurso da Igreja Católica sobre a leitura no período investigado repousava na argumentação de que o estrito controle da escrita não era apenas um direito, mas o seu dever. A responsabilidade de escolher entre as publicações o que poderia ser lido pelos católicos, era do clero, constituído por eruditos que por sua formação e pelo convívio mais direto com os dogmas religiosos, estavam aptos a guiar a leitura dos leigos e não se contaminavam com as más doutrinas, ou se deixavam levar pelos métodos e persuasão retóricas empregados nesses escritos. (CHARTIER; HÉBRARD, 1995) A preocupação expressa pela Igreja esteve primeiramente ligada a circulação de concepções contrárias ao catolicismo e a moralidade cristã em livros.

O tema é frequente nos sermões das missões e capítulo obrigatório nas inúmeras “instruções cristãs” impressas para os que vivem no mundo secular e para os alunos dos colégios. É bastante simples: muitos livros – a maior parte – são livros maus, porque contradizem os dogmas ou porque contrariam os bons costumes. Portanto, a leitura é sempre uma prática perigosa e, ao ler sem tomar certas precauções, os cristãos põem em perigo sua salvação. Entregues ao prazer cultural e social de partilhar o texto impresso, não percebem a estranha força da escrita (Fabre, 1985, p. 182–206) e acreditam poder escapar às armadilhas da sua argumentação e aos artifícios das suas figuras; pensam poder dissociar o prazer da leitura da influência do texto lido. (CHARTIER; HÉBRARD, 1995, p. 21)

Com o desenvolvimento das técnicas de impressão e em vista do acesso aos periódicos serem mais fáceis e baratos em relação aos livros, os jornais e as revistas passaram a se configurar como frequentes nas denúncias da Igreja. (CHARTIER; HÉBRARD, 1995) A partir desse posicionamento foi que a revista *A Cruzada* se lançou no combate contra a “má imprensa”, caracterizada pelos títulos declaradamente anticlericais, os que se posicionavam enquanto neutros e davam espaço para publicações que atacavam a presença da Igreja na sociedade brasileira e nas publicações ligadas a outras religiões que lutavam pelo campo religioso do país. A definição de Rosário Farani Mansur Guérios publicada na edição bimestral agosto/setembro de 1930 era a seguinte quanto aos periódicos que formavam a “má imprensa”:

*Mau jornal* é o que combate francamente a Jesus Cristo e a sua Igreja. *Jornal neutro* é aquele que não fala de Jesus Cristo nem da sua Igreja. [...] O *mau jornal* e o *jornal neutro* pertencem à *má imprensa*, pois que, o primeiro, por ser declaradamente *mau*, é condenável, e o segundo, o que é *neutro* é virtualmente *mau*, pois Nosso Senhor Jesus Cristo assim o disse: - “Quem não é por mim é contra mim.” (GUÉRIOS, ago./set. 1930, p. 134)

Observamos que os artigos que se dedicavam a pugnar contra a imprensa anticlerical, eram estruturados a partir do discurso sobre a necessidade de controle e alerta constantes por parte da Igreja Católica. Em vista disso, os enunciados das publicações eram marcados pela repetição dos argumentos construídos sobre o assunto.

Favorecer a imprensa irreligiosa com a compra e a assinatura de suas edições era um dos principais erros que revista reprovava. As pessoas em geral, mas principalmente os católicos não deviam entrar em contato com essas publicações, uma vez que existiam periódicos sadios ligados a Igreja e que auxiliavam na auxiliassem na angariação de novos assinantes, a revista divulgou em quatro edições de 1927 (abril, maio, junho e agosto) instruções de como abordar o assunto.

Para que os católicos edificação e salvação de suas almas, portanto, seu investimento financeiro deviam ser voltados para a “boa imprensa”.

Quando a conversa cahir sobre a leitura, o amigo d'A Cruzada sabe o que deve fazer. Entra a falar com toda a eloquência de que é capaz [...] Não é preciso gesticular e barafustar como um possesso. Isto em certas pessoas tem o efeito de ficarem de pé atrás, desconfiadas, como si se tratasse de um pacote. [...] esboçam um sorriso zombeteiro, enquanto dizem com ar de espanto: Como é possível? Então o Sr. Realmente nunca ouviu falar n'A Cruzada? Dessa celebre revista para a mocidade paranaense? Incrível mesmo! Não tem tempo que perder. Ainda hoje escreva á administração d'A Cruzada. 6\$000 isso lá é dinheiro? (PROPAGAI A CRUZADA, abri. 1927, p. 31)

A partir do exposto, verificamos que ao longo de cinco anos de edições mensais a revista *A Cruzada* buscou, transformar os católicos paranaenses não apenas em leitores, mas também propagadores da “boa imprensa”, desta forma, contavam com os leigos para a efetivação da formalização da prática da leitura.

## CONCLUSÃO

Dentre as estratégias utilizadas pela Igreja Católica para conter o avanço de ideias anticlericais e para propagar a doutrina cristã no início do século XX esteve a utilização da imprensa, que antes era vista como perigosa, e que passa a ser uma arma de contra-ataque. Com a recorrente referência a dualidade de publicações com a “má” e a “boa imprensa”, demonstra que a Igreja estava ciente da força da imprensa na sociedade brasileira e passou a utilizar-se desse meio de comunicação e fazer uma imprensa considerada apropriada para os leitores católicos.

No Paraná a revista *A Cruzada* era considerada um agente da “boa Imprensa” e recorrentemente em seus anúncios de assinatura solicitava que os leitores católicos auxiliassem nessa obra, além de apresentar artigos onde buscava elencar os problemas que a “má imprensa” poderia causar para a formação da sociedade e que acarretaria em uma possível degradação da família católica.

## REFERÊNCIAS

CAES, André Luiz. **As portas do inferno não prevalecerão**: a espiritualidade católica como estratégia política (1872 – 1916). 2002. 116 f.. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CAMPOS, Névio de. **Intelectuais e Igreja Católica no Paraná** (1926 – 1938). Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura** (1880 – 1980). São Paulo: Editora Ática, 1995.

KLAUCK, Samuel. **O apostolado da imprensa**: a revista St. Paulus-Blatt como instrumento de informação, formação e catequese no Rio Grande do Sul (1912 – 1934). 2009. 272 f.. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. O congregado mariano e a imprensa. **A Cruzada**. Curitiba, ano V, n. 6 – 7, p. 134 – 137, ago./set., 1930.



LEÃO XIII. **Encyclical Etsi Nos**. On conditions in Italy. 1882. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15021882\\_etsi-nos.html](https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15021882_etsi-nos.html) Acesso em: 01/08/2019.

NUNES, José de Sá. Más leituras. **A Cruzada**. Curitiba, ano I, n. 6, p. 101 – 102, ago., 1926.

PAULA, Andressa. **A revista A Cruzada e a “boa imprensa” católica no Paraná (1926-1931)**. 2018. 127 f.. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

PROPAGAI A CRUZADA! **A Cruzada**. Curitiba, ano II, n. 2, p. 31, abri., 1927.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do santo ofício à libertação: o discurso e a prática do Vaticano e a da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social**. São Paulo: Paulinas, 1988.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre o aggiornamento e a solidão: práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930 – 1965)**. 2009. 429 f.. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.